

A paisagem urbana brasileira: tipos ideais

Roberto Lobato Corrêa
PPGG-UFRJ; NEPEC-UERJ

p. 008– 010

Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/97116>

Como citar:

CORRÊA, R. L. A paisagem urbana brasileira: tipos ideais. *GEOUSP – Espaço e Tempo*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 008-010, 2015.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 4.0 License.

A paisagem urbana brasileira: tipos ideais

Em 1976, o geógrafo Donald Meinig publicou uma coletânea de textos nos quais a paisagem era interpretada. Ele próprio apresenta o que considera serem os tipos ideais – no sentido weberiano – de paisagens americanas. Essas paisagens condensam a experiência e a visão de mundo dos americanos, sendo frequentemente reproduzidas em filmes, cartazes e folhinhas. A primeira dessas paisagens é a da pequena cidade da Nova Inglaterra, com suas casas brancas de madeira e a igreja com sua alta e pontiaguda torre. Trata-se de um pequeno lugar central de um passado predominantemente rural e que desapareceu em função do avanço da industrialização e da urbanização. A segunda paisagem é a da rua principal – Main Street – da pequena cidade do meio-oeste, com seus prédios de um ou dois andares de tijolos, entre eles, o banco local, maior e mais importante. A Main Street típica e reproduzida em galerias de *shopping centers* e na Disney World. As duas paisagens estão na memória de muitos americanos, que as veem nostalgicamente. A terceira paisagem leva ao subúrbio californiano, com suas amplas ruas arborizadas e belas residências no meio de bem cuidados gramados e suas garagens, revelando a importância do automóvel nos subúrbios criados após a Segunda Guerra Mundial. Trata-se de uma paisagem do presente, muito significativa para a classe média americana.

As três paisagens discutidas por Meinig sugerem inúmeros questionamentos, mas também nos levam a indagações sobre tipos ideais de paisagens brasileiras. Nostalgia e segregação residencial são temas que aparecem a partir do texto de Meinig. Em relação ao Brasil, o campo de investigação em tela está aberto. Que tipos ideais de paisagens brasileiras podem ser elaborados, construídos intelectualmente pelos geógrafos, com representações gerais das paisagens brasileiras? Este breve ensaio procura contribuir nessa direção.

Os três exemplos a seguir devem ser considerados tipos ideais de escala, não tendo expressão nacional, mas muito representativos nas regiões em que se situam. Os exemplos referem-se à pequena localidade ribeirinha da Amazônia, com prédios de madeira, em parte sobre palafitas, a praça da pequena cidade sertaneja, de terra batida, cercada por modestas construções comerciais e residenciais e, em muitos casos, com uma pequena imagem do Padre

Cícero em seu centro, e, finalmente, a Praça Matriz das pequenas cidades do interior paulista, com a igreja paroquial, o cinema, o bar, ponto de encontro, o belo e bem cuidado jardim, muito frequentado no fim de semana. Boas e bonitas residências completam essa paisagem.

Por outro lado, essas paisagens exibem diferenças, por exemplo, no que se refere à permanência de cada uma. A praça da pequena cidade paulista foi profundamente alterada, afetada pela difusão do automóvel, da televisão e dos barzinhos, que passam a concentrar no final de semana os jovens da cidade. O cinema da praça fechou, substituído por salas de exibição fílmica em outros locais. Essa paisagem existe atualmente na memória dos habitantes mais velhos.

Os exemplos a seguir, que são o foco deste ensaio, são referenciados à metrópole e grandes cidades, constituindo representações em escala nacional. Essas paisagens, por outro lado, são vistas na televisão, em cartazes e cartões postais, ratificando, assim, de modo ampliado a expressão nacional que têm as três paisagens, embora não sejam vivenciadas da mesma maneira por todos.

O primeiro tipo ideal refere-se à fachada litorânea com altos prédios residenciais com 10-15 andares, foco de setores sociais de alto *status*. A paisagem é bem cuidada, limpa e segura. A orla de Copacabana, mas também a de Ipanema, no Rio de Janeiro, constitui um exemplo bem conhecido e difundido, constituindo um dos cartões postais da cidade. Mas há inúmeros outros exemplos, em Florianópolis, Santos, Vitória, Salvador, Maceió, Recife e Fortaleza, entre outros. Trata-se de uma paisagem da classe dominante, para usar uma expressão criada por Denis Cosgrove. Parte da alta classe média aí também vive. Poder e renda materializam-se na paisagem que, vista do mar, esconde profundas diferenças sociais, por vezes, a uma pequena distância da orla litorânea.

O segundo tipo ideal exibe um profundo contraste em relação à primeira. Trata-se da favela consolidada, e não em seus estágios iniciais. É constituída por edificações de alvenaria e concreto, com um ou dois pavimentos, às vezes mais. O telhado é inexistente, substituído pela “lage”, que implica a possibilidade de um novo pavimento. A densidade de edificações é elevada, e estão separadas por estreitas ruas, ruelas e becos sem saída, tudo isso produzido pelos moradores ou no âmbito do circuito inferior da produção imobiliária. É uma paisagem subalterna que tanto pode localizar-se em encostas ou em terrenos planos, próxima das áreas nobres da cidade ou em periferias mais ou menos distantes. A favela passou a ser ideologicamente conhecida como *comunidade*, a despeito do controle por parte do tráfico de drogas, de milicianos ou de forças de segurança visando “pacificar” seus moradores. Esta última ação constitui-se, via de regra, no modo como um Estado pouco generoso atua na favela.

A favela está em toda parte, mesmo em cidades médias e pequenas. A Rocinha e o Complexo do Alemão, ambas no Rio de Janeiro, simbolizam muito bem essa paisagem, que contrasta com aquela das orlas litorâneas com altos e bem tratados edifícios. Paisagens contrastantes numa sociedade contrastante.

O terceiro tipo ideal de paisagem urbana aqui considerado nos remete a processo e formas criadas, via de regra, após 1970. Trata-se de áreas de amenidades que se estendem ao longo de setores privilegiados, nos quais massivos investimentos de capital foram realizados, contando para isso com a generosa participação de um Estado que age espacialmente de modo

desigual. Esses setores a la Hoyt¹ são habitados por uma classe média alta oriunda de antigas áreas nobres ou de bairros não centrais. Vive em condomínios exclusivos, horizontais ou verticais, dotados de áreas de recreação, no meio de áreas verdes bem conservadas. O condomínio forma, ao lado dos *shopping centers* e das vias expressas, a tríade da paisagem. Trata-se de um espaço caracterizado, por outro lado, pela autossegregação, espaço do qual a Barra da Tijuca, na metrópole carioca, é bem representativo, com seu modo de vida marcado pela exclusão daqueles que não pertencem ao mundo dos condomínios.

Orla litorânea com belos edifícios, tristes e feias favelas inconclusas e frios e autossegregados setores de amenidades, eis três importantes tipos ideais de paisagem urbana brasileira. Poder, renda, desigualdade e controle social constituem os ingredientes que alimentam essas paisagens, espacialmente separadas mas articuladas social, econômica e politicamente entre si.

A paisagem, essa materialidade social, é o resultado de complexos processos envolvendo a natureza e a ação humana, conforme, entre outros, apontou Carl Sauer em 1925. Reflexo social, a paisagem revela e esconde necessidades e possibilidades, carregando em contradições e conflitos sociais, assim como é o foco de inúmeras representações efetivadas pelos diversos grupos sociais. Trata-se, por outro lado, de um reflexo duradouro, capaz de incorporar algumas mudanças sociais e suas demandas materiais e simbólicas. É, assim, uma marca, como indicado por Augustin Berque. Mas a paisagem é também um meio no qual a vida humana flui rotineiramente. Reflexo e meio, contudo, não esgotam o papel da paisagem na vida humana. Sua longa permanência, por outro lado, torna-se uma condição de reprodução social, sutil que seja, anunciando o futuro imediato. Contribui, assim, para a continuidade dos grupos sociais que vivem nos belos edifícios da orla litorânea, dos frios e monótonos condomínios exclusivos e das pobres e tristes favelas.

Tudo isso significa que a paisagem urbana não é apenas uma forma, mera morfologia, mas processo e forma, ou movimento e pausa cujo ritmo tende a ser de duração relativamente longa, tornando mais evidentes as formas e menos os processos.

Há, certamente, outras paisagens urbanas (e agrárias) que atraem a atenção dos geógrafos. As paisagens das áreas degradadas nas proximidades do centro, de autoconstrução nas periferias e dos grandes conjuntos habitacionais são exemplos de possibilidade de estudo. Essas possibilidades incluem a leitura feita pelos diferentes grupos sociais de uma mesma paisagem, o exercício da polivocalidade que traz à tona a riqueza de interpretações, resultantes de experiências e práticas dos diversos grupos sociais numa sociedade muito diferenciada e desigual.

1 “O modelo de setor, de Homer Hoyt, mostra os efeitos do transporte, que gera padrões de crescimento que, em vez de parecer círculos, lembram segmentos desigualmente fatiados de um bolo, que crescem em volta das linhas de transporte, estendendo-se para fora a partir do centro da cidade”. Allan G. Johnson. Verbete “Urbanização e urbanismo”. *Dicionário de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 245. (N.E.)